

Análise de uma narrativa de uma morte na pandemia da COVID-19

Analysis of a death narrative in the COVID-19 pandemic

Análisis de una narrativa de muerte en la pandemia COVID-19

Recebido: 14/08/2020 | Revisado: 26/08/2020 | Aceito: 30/08/2020 | Publicado: 01/09/2020

Elmar Silva de Abreu

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5950-6004>

Universidade Católica do Salvador, Brasil

E-mail: elmarfisica@gmail.com

Elaine Pedreira Rabinovich

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3048-6609>

Universidade Católica do Salvador, Brasil

E-mail: elaine.rabinovich@pro.ucs.br

Resumo

O presente trabalho apresenta discussões sobre dinâmicas de fatores em interação, em um dado ambiente no Brasil, associados à pandemia da COVID-19. Para alcançar tal objetivo, analisa uma narrativa cujo foco central envolve o falecimento de um homem de 92 anos que foi contaminado em ambiente hospitalar, chegando a óbito, utilizando a psicologia topológica de Lewin e da lei da inércia. Considera-se a percepção da pessoa diante do contexto, delimitadora da representação do seu campo vital, descrevendo as forças presentes em interação bem como seus componentes. Por meio deste processo, inventariam-se aspectos que favorecem e aspectos que não favorecem o deslocamento da pessoa em seu espaço de vida. Neste artigo, apresentamos o método e sua aplicação a partir da narrativa, levantando suas forças segundo a percepção do narrador e comentários a elas referentes. Finalmente, considera que situações não previstas passaram a integrar uma realidade não desejada.

Palavras-chave: Covid-19; Narrativa; Morte; Teoria de campo de Lewin.

Abstract

The present work presents discussions about dynamics of factors in interaction in a specific Brazilian environment associated to Covid-19 pandemy. To attain this objective, it analysis a narrative whose central focus involves the death of a 92-year-old man who was infected in a hospital environment and died, through Lewin's topological psychology and the law of inertia.

It takes in consideration the perception of that man in his context, which delimits the representation of his vital field, describing the forces present in interaction as well as its components. Through this process, it is possible to inventory aspects that favor and do not favor the displacement of the person in his living space. In this article, we present the method and its application from the narrative, raising its strengths according to the narrator's perception and comments in reference to them. Finally, it considers that non-previous situations become integrated to a non-desired reality.

Keywords: Covid-19; Narrative; Death; Lewin's field theory.

Resumen

El presente trabajo presenta discusiones sobre dinâmicas de fatores en interacción, en un médio específico brasileño, asociado a pandemia Covid-19. Para obtener eso, analiza una narración cuyo enfoque central involucra la muerte de un hombre de 92 años que fue infectado en ambiente hospitalario y murió, utilizando la psicología topológica de Lewin y la ley de la inercia. Se considera la percepción del hombre de su contexto que delimita la representación de su campo vital, describiendo las fuerzas presentes en la interacción así como sus componentes. A través de este proceso, es posible inventariar aspectos que favorecen y no favorecen el desplazamiento de la persona en su espacio vital. En este artículo, presentamos el método y su aplicación desde la narrativa, aumentando sus puntos fuertes de acuerdo con la percepción y los comentarios del narrador a ellas referidas. Al final, situaciones non-previstas pasam a integrar una realidad non-deseable.

Palabras clave: Covid-19; Narrativa; Muerte; La teoría de campo de Lewin.

1. Introdução

Em muito pouco tempo, passamos a viver uma situação que só víamos em obras de ficção, situação que conduziu muitos a uma realidade de afastamento das suas atividades que envolvem os aspectos social, econômico, educacional e psicológico. Como uma gigantesca onda, vimos sua formação do outro lado do mundo, na Ásia, onda que se propagou pela Europa e chegou às Américas, alcançando o Brasil. Em dado momento, o que era ficção e muito distante, passou a ser real e local.

As formas e experiências vividas, ao mesmo tempo que muito peculiares, possuem também um carácter comum, diante das situações do contágio, adoecimento, cura para alguns

e duras perdas para outros. Percebemos uma condição de mundo com todas as suas diferenças e nunca tão igual.

Este trabalho apresenta uma narrativa de uma situação vivida, entre tantas, levando uma realidade sentida em uma janela de tempo relativamente estreita em sua duração, mas com acontecimentos determinantes nas vidas a ela relacionados.

Esta narrativa, com toda potencialidade de aproximação ao real, é comentada com base nos princípios da Teoria de Campo de Lewin, associadas às representações dos fatores levantados, representados como forças e de suas componentes, tendo como origem de método a aplicação de uma lei da física clássica, a 1ª lei de Newton, a lei da Inércia¹.

Buscamos neste trabalho apresentar discussões da dinâmica decorrente de fatores em interação, em um dado ambiente no Brasil, associados à pandemia da COVID-19, tendo como base, a narrativa apresentada a seguir.

A Narrativa

“Meu primo, com uns 92 anos, faleceu anteontem. Vivia muito bem no seu apartamento, fazendo muitas atividades de seu interesse. Era engenheiro e tinha facilidade em lidar com informática, sendo muito atualizado. Tinha um problema na perna e foi indicada uma intervenção simples. Ele tinha direito ao atendimento em bom hospital. Internou-se. Tinha quatro filhos. Um filho que mora no Canadá veio para ficar perto dele, e os outros três filhos moram na cidade. A cirurgia foi bem-sucedida, mas ele teve de ficar um dia na terapia intensiva por causa da idade. Daí foi transferido para um quarto na semi-intensiva, pelo mesmo motivo. Creio que ficou uma semana no quarto, quando foi diagnosticado o Corona vírus. Daí ele volta para a intensiva, reage, melhora. Os filhos relatam, num grupo no WhatsApp para os parentes interessados, o que está acontecendo. Daí, quando se espera que ele melhore, falece.

Ele era judeu e, há muitos anos, tornou-se muito religioso. O enterro foi no cemitério judaico onde só poderiam estar presentes até 10 pessoas. Em toda cerimônia religiosa judaica, tem de ter 10 homens judeus para que esta possa acontecer. No WhatsApp, foi ficando claro que estava difícil convocar os 10 judeus por causa da pandemia. Ele morreu às 6:00 da manhã e o enterro foi às 14:00 porque era sexta-feira e, no *Shabat*, que começa às 18:00 de toda sexta, e que é um dia sagrado quando não pode ter

¹ Princípios Matemáticos da Filosofia Natural: publicado em 5 de julho de 1687 por Isaac Newton na Inglaterra, considerado por muitos como o mais importante livro publicado na história da ciência, segundo Balola (2010).

enterro, só pode ter alegrias. Uma sobrinha, então, levou seu filho de 15 anos ao cemitério para conseguir fazer o *minhe*, a reza com os 10 homens presentes. Porque, depois do Bar-Mitzva, aos 13 anos, o menino passa a ser considerado um homem judeu e conta como um dos 10 homens.

Um dos filhos filmou o enterro e disponibilizou no WhatsApp do grupo. A sobrinha, então, contou no grupo do WhatsApp, como foi o enterro: ninguém pode entrar no velório, permanecendo todos em seus carros. Na hora do enterro, acompanharam o caixão ao ar livre e distantes entre si. O enterro judaico é muito forte: há rezas, cantos, falas. No caso, havia dois religiosos, não sei se um era rabino. Este falou que, dada a hora e a intervenção de não poder ter enterros longos, ia falar poucas palavras, e realmente fez isto. Não houve rezas nem cantos e ninguém falou nada em homenagem ao falecido, como geralmente acontece. A sobrinha contou que o mais triste foi não poder abraçar seus poucos parentes presentes no enterro.

No WhatsApp, uma cunhada do falecido falou que, numa sinagoga, haveria uma homenagem às 18:30. Quem quisesse, poderia acompanhar num site. As sinagogas estão fechadas, assim como há uma interdição expressa por rabinos de não haver nenhuma reunião motivada por religião porque a vida é mais importante do que os rituais coletivos. Daí, no WhatsApp, várias pessoas escreveram sobre sua relação com o falecido e postaram fotos. Foi assim que foi realizado o luto.

Quando ele estava na semi-intensiva, os filhos foram visitá-lo. Uma neta, assim como sua mãe, se infectaram, mas estão bem. Só que o filho, pai e marido, durante o período em que seu pai estava internado, teve de cuidar delas. Foi dito que o falecido se infectou na UTI. Lembrar que é um hospital particular de alto nível.

Um mês depois, teve uma *live* com parentes, filhos, amigos, para contar histórias vividas com o falecido, de duração de umas três horas. Este site continua sendo alimentado por fotos e notícias de falecimentos e de nascimentos, mesmo após dois meses do falecimento.”

2. Metodologia

O presente trabalho, de natureza qualitativa, utiliza como método o estudo de caso através da análise de autobiografia, cujo material foi apresentado por uma narrativa. De natureza qualitativa por se compatibilizar com o apontado por Granger (1982), quando o mesmo afirma que tal modelo busca a descrição, a compreensão e a explicação de

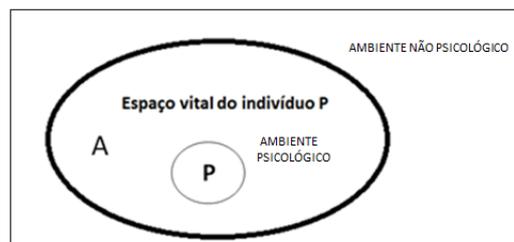
determinado fenômeno com suas formas e singularidades. Ainda conjugando com o exposto, Minayo e Sanches (1993) afirmam que o social, em sua realidade, é de natureza qualitativa e, em suas análises, utilizam como matéria a fala, a expressão da linguagem em suas várias formas. O estudo de caso foi o recurso utilizado, no momento em que buscamos descrever e analisar de forma detalhada, prática que converge com as descrições de Yin (1994) e Pereira *et al.* (2018).

3. Teoria e Métodos

Lewin (1965, 1973), com a psicologia topológica, propõe a representação da delimitação dos espaços e dos elementos nele contidos sob a percepção da pessoa. Mostra, deste modo, possibilidades e impossibilidades nas relações do sujeito com o que por ele é sentido, aspectos psicológicos, perfazendo o campo vital, bem como também estando delineado o que é não percebido, sentido, ou seja, o extracampo vital como espaço não psicológico.

A seguir, temos a representação do campo vital da pessoa P (Figura 1):

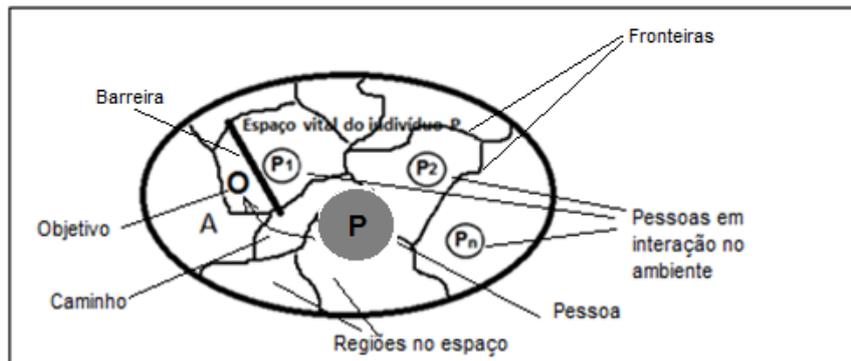
Figura 1: Representação do espaço vital.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

A pessoa (P), em ambiente por ela percebido, interage com os elementos aí presentes (ambiente psicológico), podendo haver elementos do ambiente não psicológico (não percebidos, sentidos) integrarem a qualquer momento a realidade do campo de vida desta pessoa. Trazendo a aplicabilidade do modelo apresentado, temos a situação vivida da pandemia que, em fração de um ano, não imaginada, não vista como realidade, torna-se integrante da vida da pessoa em questão; ocorre, então, a situação em que um elemento do ambiente não psicológico vem integrar o ambiente psicológico no espaço vital de P (Figura 2).

Figura 2: Representação topológica da pessoa em seu espaço vital.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Neste ambiente, segundo a concepção Lewiniana (1965, 1973), a pessoa interage com outras pessoas, objetos, situações, nas regiões por ele diferenciadas, decorrentes de apropriações, sentidos e significados particulares. Estas locomoções, promovidas por forças, através de correspondentes caminhos que são aprendidos, estão associadas às buscas das satisfações das suas necessidades oferecidas neste ambiente, dadas como valências.

A barreira representada indica as dificuldades presentes percebidas que, como as regiões que possuem níveis de diferenciação, à medida que conhecidas em suas características, por parte da pessoa, podem, nesta medida, tornarem-se transponíveis. São as dificuldades que, em dado momento não conhecidas em seus detalhes, podem ser superestimadas em relação ao que de real é e, da mesma forma, o efeito contrário no momento em que se subestima o obstáculo em seu trajeto pode comprometer a possibilidade de locomoção dessa pessoa em seu espaço de vida.

Cabe também considerar que um espaço pouco conhecido é um espaço pouco diferenciado, com expressivo menor número de regiões em relação a um espaço com um maior nível de diferenciação. Assim, um espaço pouco diferenciado é um espaço com região(es) não conhecida(s), o que desfavorece as possibilidades de locomoção da pessoa nestes espaços.

As regiões, que referimos, são delimitadas por fronteiras que funcionam como elementos de transição entre uma região e outra. Lewin (1965, 1973) afirma que as fronteiras atuam como elementos de intersecção entre as regiões; logo, funcionam como elementos de ligação entre uma fronteira e outra vizinha.

Estes pressupostos conduzem a entender a necessidade de informações de qualidade para o bem transitar da pessoa em seu espaço vital. Tratamos informação de qualidade como

informações que correspondam aos verdadeiros fatos e acontecimentos. Informações falsas, por exemplo as *fake news*, podem distanciar a pessoa das realidades do ambiente gerando sérios prejuízos em suas locomoções.

Conectando a tais fundamentos, como aponta Lewin (1965, 1973), a pessoa está submetida a uma constelação de forças em seu espaço de vida. Por abstração, a 1ª lei de Newton (1687) mostra que, para a mudança do estado de movimento de um corpo, é necessário que a resultante das forças que nele atuam seja não nula.

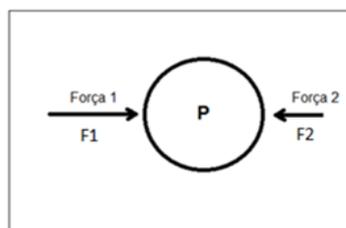
Direção, sentido (ponto de aplicação) e intensidade caracterizam uma força. Então temos, na figura 3, P sob a ação de duas forças presentes na representação gráfica, tendo F1 direção horizontal, sentido da esquerda para a direita e intensidade associada ao seu comprimento. Do mesmo modo F2 apresenta direção horizontal, sentido da direita para a esquerda e intensidade também associada ao seu comprimento.

Tratando-se de forças aplicadas em sentidos contrários, ocorre uma situação de oposição entre elas, sendo o resultado desta interação a subtração entre elas, que promoverá movimento com direção e sentido da força de maior intensidade. Caso estas forças estivessem interagindo em P com o mesmo sentido, o resultado desta interação seria a soma das suas intensidades, evidentemente com direção e sentido destas.

Recordar que abstraímos estes conceitos e aplicamos à situação da pessoa que, submetida a um conjunto de forças, assumirá ela uma forma de movimentação em seu espaço. Além disto, as intensidades destas forças são sentidas pelas pessoas que atribuirão a resultante diante de dada situação, indicado que a pessoa é elemento ativo na percepção deste rol de forças e não uma mera partícula exposta à ação destas.

Uma situação básica de interação e suas resultantes é a seguir apresentada (Figura 3):

Figura 3: Representação de interação de forças.

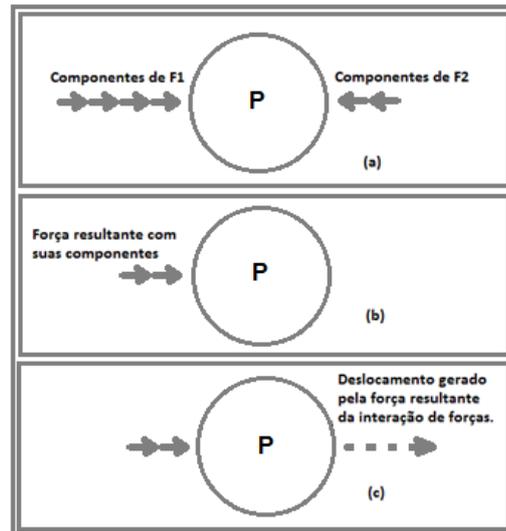


Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Considerando o demonstrado, podemos então inferir que uma dada força é formada pela composição de outras. O acesso a estas forças é obtido através da decomposição de forças. Na Figura 4, temos a análise da interação de F1 e F2 sob o método de decomposição

de forças. Este método possibilita visualizar as forças componentes em interação. Trazendo para a nossa aplicação, podemos, assim, inventariar as forças presentes percebidas pelo sujeito em questão (Figura 4).

Figura 4: Representação de interação de forças com suas componentes.



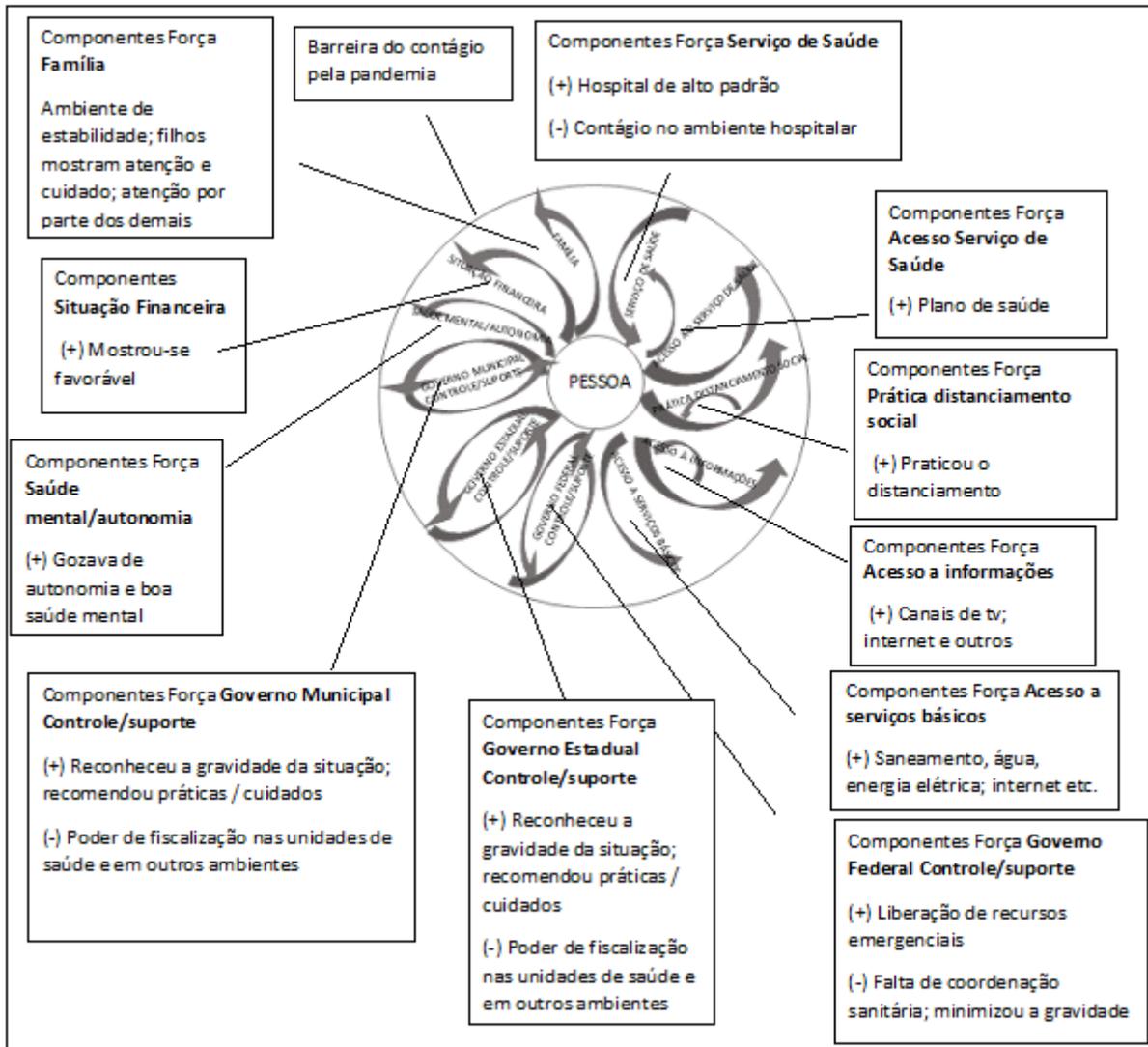
Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

A seguir, vamos apresentar possíveis forças geradas pelo contexto da pessoa da narrativa e a possibilidade de decompô-las, visualizando as que favoreciam a superação da questão, aqui chamadas impulsionadoras, e as que restringiam a tal movimento, aqui tratadas como restritivas, considerando que tais forças se opõem no tocante aos seus sentidos. De um lado estão as que favorecem a superação do problema e do outro, as que restringem tal intento.

4. As Representações das Forças e Discussão

A seguir apresentamos o diagrama de representação das forças em interação e suas componentes correspondentes à presente narrativa (Figura 5).

Figura 5: Representação de forças em interação e suas componentes segundo narrativa.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Na figura acima, busca-se representar os elementos da narrativa, considerando que a questão a ser transpassada, superada é o acometimento pela contaminação promovida pela pandemia, representada pela linha que compõe a circunferência apresentada. A pessoa, o primo da pessoa que narra, é representado na parte central da circunferência. Os fatos, todos tendo como foco o primo da narradora, associamos às forças e são representados no sentido anti-horário, tendo como ponto inicial a família, com a finalidade de facilitar a referida análise. Assim descritos de forma sequencial, temos: *família, situação financeira, saúde mental/autonomia, Governo Municipal/controle/suporte, Governo Estadual/controle/suporte, Governo Federal/controle/suporte, Acesso a serviços básicos, Acesso a informações, Prática de distanciamento social, Acesso aos serviços de saúde, Serviço de Saúde, Ritos de despedida.*

Representamos as forças que possuem sentido interno/externo como as forças impulsionadoras, que apontam para o rompimento da barreira do adoecimento pela pandemia; as representadas em sentido contrário, como as forças restritivas, que atuam oferecendo restrição ao movimento de superação desta barreira.

Assim, a narradora apresenta a *família* do seu primo como um ambiente de estabilidade. Este tem sua independência, tendo seus filhos residindo em suas próprias casas. Um dos filhos mostra atenção e cuidado no momento em que se desloca do Canadá para a cidade onde o pai encontrava-se internado. Tal fator mostra-se favorável diante de um contexto em que a alta do primo era desejada por todos. A mobilização da família foi assumindo maior intensidade à medida que o tempo de internação transcorria. Com o seu falecimento, a mobilização para a realização do rito por parte da família é também uma marca que aponta clima favorável de relações, bem como as homenagens feitas mais de um mês após o seu falecimento através de uma *live* em rede social, com a participação também de amigos.

No tocante à prática religiosa do primo da narradora, segundo Santos e Abdala (2014), a religião está correlacionada à qualidade de vida e à saúde dos idosos. Apontam também que boa parcela de idosos atribui a importância da aproximação à religiosidade, percebendo maior integração social e psicológica, fatores integrantes da qualidade de vida e bem-estar.

Para muitos, a espiritualidade e a religiosidade favorecem o encontro de seus propósitos de vida, trazendo força para o enfrentamento das questões a ela associada. Esta dimensão comporta a geração de esperança para seus dias, trazendo significado para a vida e para o sofrimento. Implica ainda na dimensão transcendente, possibilitando a crença de não estar só em suas caminhadas (Santos, & Abdala, 2014).

Santos e Abdala (2014) apontam três dimensões no tocante às práticas religiosas: as dimensões organizacional, não organizacional e intrínseca. A religiosidade organizacional é a associada ao campo das práticas formais da religião, ao comportamento orientado pela instituição religiosa, como a participação EM encontros formais. A religiosidade não organizacional contém as práticas não formais, de cunho pessoal, em suas situações diversas, independentemente das atividades formais praticadas. Nesta dimensão, encontram-se as orações nos diversos ambientes em diversos horários praticados pelas pessoas ou grupo como os familiares, etc. Na dimensão intrínseca, há a relação de influência da religião na vida da pessoa, que ocorre de forma subjetiva na percepção do sujeito diante da importância da sua relação com a religião e o desenvolvimento da sua crença, da sua fé. Tal dimensão assume o caráter da transcendência, questão particular em cada pessoa. Como já referido, Santos e

Abdala (2014) indicam marcas importantes de compatibilidade entre religiosidade e saúde mental e física, conduzindo a uma melhor condição de qualidade de vida dos idosos.

Na narrativa, percebemos o respeito por parte dos seus familiares à importância considerada pelo falecido à sua prática religiosa. Neste aspecto, esforços não foram poupados para a execução do rito orientado pela religião do primo da narradora, diante das limitações impostas como o acesso aos cemitérios, aspecto que converge com o respeito e o cuidado que os familiares tinham com o falecido.

No tocante ao rito, para Strauss (2016), os padrões de sepultamento expressam o comportamento praticado baseado nas prescrições das sociedades em relação ao tratamento de seus mortos. Tais questões convergem com as afirmações de Engelman e Petrini (2016), quando apontam que a família oferece a oportunidade para as pessoas cuidarem umas das outras através de compromissos que se renovam deste modo.

Convergindo com o exposto acima, Petrini (2012) e Donati (2008) apontam a possibilidade de oferta por parte da família de um conjunto de facilidades refletidos pelas relações entre seus membros, promovendo bens relacionais, como a maternidade, a filiação, a fraternidade, que suprem o afeto, o apoio mútuo, a proteção e constituem bens proporcionados especialmente pela família.

Quanto à prática religiosa por parte dos parentes do falecido, Santos e Abdala (2014) encontraram, em sua pesquisa, pistas que apontam para a importância percebida da religiosidade, não apenas por parte dos idosos, mas estendida a pessoas em outras fases de vida, o que pode ter ocorrido no caso relatado dado a continuidade dos rituais e a utilização de meios digitais. A este respeito, a dimensão da religião por meio dos meios digitais favoreceu a continuidade das homenagens por parte dos parentes e amigos que não puderam ir ao sepultamento. A situação do uso da combinação entre as práticas religiosas e os meios digitais é discutida por Pace e Giordan (2020) dentro do contexto da pandemia e da importância da religião e de rituais na elaboração do luto.

No tocante à *situação financeira*, entendemos que era favorável por algumas pistas da narradora: vivia de forma independente, tinha o seu próprio apartamento e nele vivia, fazia muitas atividades do seu interesse e internou-se para um procedimento cirúrgico programado em hospital de alto padrão. Tais dados conduzem a entender que o mesmo possuía uma condição econômica favorável.

A este respeito, conforme os fatores considerados no levantamento do indicador de desenvolvimento humano (IDH), o PNUD Brasil (2020) descreve o fator econômico como um importante elemento na composição das condições associadas à qualidade de vida,

lembrando que, não apenas esta dimensão, mas também as dimensões educação e saúde estão aí consideradas. Como as outras da referida tríade, é componente facilitador ao acesso às demais dimensões. Para Belsky (2010, p. 37), a condição socioeconômica (CSE) é um termo que se refere à educação e à renda, e viver na pobreza desencadeia uma série de dificuldades desde nascer com menos saúde até, por questões econômicas, ser obrigado a residir em bairros mais violentos. A anotar, também, o elemento isolamento social exigido principalmente dos idosos, onde a condição socioeconômica ofereceu enorme diferencial na qualidade de vida.

Nesta direção, Sen (2000), em sua teoria do desenvolvimento, aponta que, estando a pessoa inserida em uma condição socioeconômica adequada, mediada por costumes e normas, dentro de um entorno demográfico, apresentam-se maiores oportunidades de locomoções das pessoas em seus espaços de vida, como acesso à saúde, educação e social diante do espectro de seus anseios e necessidades.

A *saúde mental/autonomia* é também aspecto que se mostra positivo na vida do primo da narradora, em que o mesmo gozava da possibilidade de desenvolver as atividades do seu interesse de forma autônoma e com a devida propriedade. Tal questão, como apontam Alves e colaboradores (2018), associa-se ao nível de empoderamento da pessoa, envolvendo a realização das suas atividades cotidianas bem como aspectos que favorecem e indicam seu estado de saúde.

Considerando o *Governo Municipal/controle/suporte*, a situação da pandemia é uma situação de saúde pública e, diante de tal calamidade, medidas são necessárias nas esferas comuns, como divulgação de práticas associadas à prevenção como higienizar as mãos, afastamento social e uso de máscaras em ambientes externos. Tais medidas foram adotadas; contudo, a fiscalização no ambiente hospitalar em destaque não se mostrou eficaz, ocasionando situação de contágio. Neste aspecto, temos uma força atuando de forma contrária à superação das situações de contágio pelo vírus.

Na mesma proporção, temos o *Governo Estadual/controle/suporte*, em que suas responsabilidades diante da pandemia perpassam também pelas práticas de fiscalização em ambientes hospitalares, sejam públicos ou privados e, diante do dito, a infecção ocorrera na UTI do hospital, mostrando-se também, por este aspecto narrado, como uma força restritiva diante do contexto relatado.

Ainda na força *Governo Federal/controle/suporte* ocorreu, como componente favorável à superação da condição de pandemia, a liberação dos auxílios emergenciais à população mais carente. Esta, em função da situação, está impossibilitada de honrar seu

sustento e o auxílio pode diminuir os danos sociais e quaisquer atividades que exijam circulação. Integrando também esta força, há uma componente negativa que foi a falta de coordenação na área de saúde pública e minimização da gravidade da pandemia por parte do chefe do executivo, dividindo a população no tocante ao enfrentamento da pandemia.

Sobre estes três aspectos acima apontados, acompanhamos os esforços desprendidos pelas autoridades locais, municipal e estadual, sobretudo quanto às questões informativas para contrapor-se a práticas não recomendadas pela OMS, questões não assumidas pelo chefe do executivo. Ainda neste quesito, como apontam Xaudieira e Cardenal (2020), é necessário educar o público para o tratamento das informações que são disseminadas por todos os meios, não apenas os digitais, utilizando a máxima *aprimoramento de habilidades como alfabetização crítica da mídia*. Segundo estes autores, os canais oficiais locais de informação assumem papel relevante no combate às informações não verdadeiras e, conjugando com esta afirmativa, este âmbito local corresponde ao espaço Estado e ao espaço Município dentro da narrativa apresentada, compatibilizando-se, nestes aspectos, como forças impulsionadoras.

O primo da narradora possuía *Acesso a serviços básicos* como água, energia elétrica, saneamento e internet, recursos necessários para o combate da pandemia. Tais recursos estão elencados como componentes positivos frente à necessidade de superação da referida situação, em confronto com que a realidade distante de muitos dos mais pobres privados destes serviços, conduzindo-os a situações de vulnerabilidades, sobretudo na dimensão saúde, conforme apontam Capello e colaboradores (2018).

Cabe um breve recorte quando buscamos situar os muito visíveis agora, outrora etiquetados como invisíveis, com suas claras limitações de locomoção em seus espaços de vida. Nesta situação de pandemia, em que o isolamento foi e é fundamental para a não saturação da capacidade de atendimento por parte dos serviços médicos, em função de uma contaminação simultânea e em escala geradora do colapso da rede hospitalar, o governo mobilizou-se com o auxílio emergencial de auxílio mensal (R\$ 600), para a fatia da população economicamente mais vulnerável. Neste momento, o acesso à internet para utilização de aplicativo para cadastrar e habilitar o acesso destas pessoas ao recurso é fundamental, e neste momento verificamos que uma fatia significativa destes mais vulneráveis não possuíam facilidades para tal acesso. Tal situação gerou desencontros de esforços bem como aglomerações de pessoas nas unidades bancárias credenciadas para o pagamento. São problemas vividos por grande parte dos mais vulneráveis economicamente em nosso país.

Pelas descrições presentes na narrativa, entende-se que a pessoa tinha *Acesso a informações*, lendo vários jornais por dia, além de ter acesso às informações fornecidas pela

mídia, pelas redes sociais e pela televisão, fatores de extrema necessidade na situação de crise vivida. Contudo, a carga de informações não verdadeiras também se mostra presente, sobretudo nos ambientes digitais. Este aspecto contrapõe-se ao que chamamos de Acesso a *informações*. Tais *fake news* são representadas como forças restritivas no contexto. Como apontam Delmazo e Valente (2018), tal fenômeno ganha grandes propagações com o uso cada vez mais intenso das redes sociais e, ainda, nestas situações que envolvem reclusão, tais recursos estão cada vez mais utilizados e as notícias falsas, cada vez mais disseminadas.

Nesta condição, mencionaremos aqui o avanço tecnológico dos recursos de telecomunicações (comunicação a distância). Esta comunicação tinha como obstáculo as distâncias; o telégrafo e o telefone eram realidades que assombravam os que viam tais recursos, mostrando as suas utilidades. De uma tecnologia analógica, em sua metamorfose, digitalizando-se em suas implementações tecnológicas, a tecnologia de telecomunicações explode em cadeia, assumido avanços em uma escala exponencial em um curto lapso temporal. A humanidade, agora com um recurso de tamanha aplicabilidade, a ponto de se aprender um novo comportamento, levando-nos a usar da licença poética para compararmos à invenção da roda e de suas aplicações.

Descobre-se, sobretudo neste momento de pandemia, quão necessária é uma conexão com a internet. Suas aplicações assumem dimensões intercontinentais em que informações são propagadas a valores equivalentes à velocidade da luz enquanto, neste mesmo momento, percebemos que o fator distância e a matéria física da informação não são consideradas nesta dimensão. Por estes aspectos, entendemos a afirmação de Delmazo e Valente (2018) sobre a qualidade do conteúdo das informações que trafegam por estes recursos, chegando às redes sociais nos mais variados ambientes, apontando as consequências das *fake News*.

Xaudieira e Cardenal (2020) sugerem, a partir de pesquisa realizada em cinco países europeus, que o impacto da desinformação é de importante abrangência, principalmente quando fontes de informação de grande influência, como funcionários eleitos e a grande mídia, participam de sua propagação. A formação de ideias, congruentes com a aprendizagem através do acesso às informações nas suas mais variadas formas, é uma prática natural do ser humano. Envolvem toda a gama de aspectos cognitivos, questões discutidas por Piaget (2014) entre outros. Tais práticas são baseadas em atualizações diante dos elementos presentes em seus ambientes.

Esse fenômeno está associado ao caráter dinâmico e não estático do espaço de vida percebido pela pessoa e, muito bem apresentada no contexto da pandemia. Com foco ainda nesta questão, Xaudieira e Cardena (2020) apontam para o nível de dificuldade encontrado

para desvelar uma notícia falsa e propagar tal correção em igual proporção no(s) ambiente(s) em que foi disseminada. Uma das formas, em especial quando disparadas por personalidades de grande influência, funcionários eleitos e grandes empresas de mídia, seria a correção da informação por elas; contudo, mesmo nestas condições, práticas e comportamentos associados ao que não é verdadeiro são mantidos por tempos capazes de gerar ainda grandes prejuízos.

Quanto à *Prática de distanciamento social* foi considerada ter ocorrido, dado o nível de informação e das condições materiais de vida relatada do primo. Tal prática, preconizada intensamente pela organização mundial da saúde e divulgada através dos meios de comunicação locais e internacionais, baseia-se na possibilidade de propagação pelas aglomerações e concentrações de pessoas em quaisquer ambientes. Além das propagações de notícias falsas, e da não importância dada por alguns do governo, somam-se mais dificuldades para tais práticas se incorporarem ao comportamento dos brasileiros, latinos, *calientes*, pessoas que valorizam contatos físicos como os apertos de mãos, os abraços, proximidades físicas durante as conversas. Além destas, a própria falta de prática com o manuseio das máscaras por certo contribuíram, e muito, para a disseminação do vírus nos espaços brasileiros. Muitos não acreditavam ou não entendiam o porquê do distanciamento, e as questões associadas ao cuidado com o outro, considerando uma pessoa sintomática ou não, na possibilidade de veículo de transmissão para outros, gerando uma disseminação em escala exponencial, envolvendo os mais diversos ambientes, inclusive os hospitalares considerados seguros, como o que figura na narrativa.

A pessoa que a narradora faz referência possuía *Acesso aos serviços de saúde*, fator de importância relevante para os cuidados que foram demandados. Este aspecto é representado no nosso diagrama como uma força impulsionadora, pois atua no sentido do rompimento da barreira do contágio pela pandemia. Como aponta o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o acesso aos serviços de saúde é fator integrante da base de composição do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Essas são questões amplamente discutidas em nosso país no tocante à oferta de caráter público, à rede SUS (Sistema Único de Saúde), ainda assim, com problemas associados ao desequilíbrio entre a demanda a quantidade dos serviços oferecidos e, por vezes, à longa a espera para atendimento. Neste aspecto, o primo da narradora tinha acesso à rede privada de assistência médica questão que não o levou a vivenciar o atendimento pelo setor público de saúde.

A grande questão do *Serviço de Saúde* mostrado em nosso diagrama é o ponto que assume também importância diante do contexto narrado. Apesar de considerado de alto padrão na região, o contágio aí ocorreu, como dito. Neste aspecto, o controle de infecções é

fundamental em qualquer ambiente hospitalar. Como afirmam Xavier e colaboradores (2020), a eficiência das estratégias de controle de epidemias está associada à rapidez em que estas situações forem conhecidas. A medida de tal controle é a medida de segurança do afastamento da possibilidade de contágios. Nesta questão, temos a ocorrência do contágio no referido ambiente, o que o estabelece como força restritiva diante da questão desenhada.

5. Considerações

A narrativa sob a percepção da prima de um idoso de 92 anos de idade que infelizmente veio a falecer vitimado pela COVID-19 apresenta a dinâmica vivida por uma pessoa em seu espaço de vida. Esta pessoa até então possuía mobilidade em seu espaço de vida, tendo autonomia em suas locomoções para seus leques de necessidades e satisfações das mesmas pelos caminhos por ela desenhados e percorridos.

Esta pessoa interagiu em seu espaço de vida com outras pessoas, envolvendo situações em seus contextos peculiares, e interagiu com o que para ela era significativo ante sua autonomia. Por questões não previstas, situações, que em um primeiro momento foram programadas e desenhadas de uma forma, passaram a integrar uma realidade não desejada.

As mobilizações da família foram uma marca que evidenciou o trajeto e as construções de relações em seu espaço, espaço este que, sob sua forma peculiar de ser percebido e entendido, foi elaborado e explorado.

Lewin (1965, 1973) afirma que estamos, em nossos ambientes, sob a ação de uma constelação de forças com dinâmica regida pela maneira como entendemos e interagimos, sofrendo o ambiente as nossas ações e por ele sendo também trabalhados, com tudo e com todos nestes espaços. Buscando analisar as questões da narrativa, vemos que os aspectos levantados, pela percepção da nossa narradora, apresentam-se sob uma gama de fatores que, por abstração, consideramos como forças em interação e subfatores que trazemos como componentes destas forças. Estas, diante do contexto da pandemia, interagiram mostrando uma peculiar dinâmica. Aqui apontamos um desfecho de uma narrativa, que não se completa com um final, mas que se apresenta sob a continuidade por parte de quem o viveu e por dizer, parte de quem vive.

Diante da complexidade da questão apresentada e discutida, que aqui não se esgota, sugerimos a continuidade das observações e correspondentes estudos, cabendo abordagens sob a ótica de demais áreas do conhecimento.

Referências

Alves, P. F., Kantorski, L. P., Andrade, A. P. M., Coimbra, V. C. C., Oliveira, M. M., & Silveira, K. L. (2018). Ser autônomo: o que os serviços de saúde mental indicam? *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 39. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v39/1983-1447-rgenf-39-e63993.pdf>.

Belsky, J. (2010). *Desenvolvimento humano: experienciando o ciclo da vida*. Porto Alegre: Artmed.

Brasil. (2020). PNUD. *Desenvolvimento humano e IDH*. Recuperado de <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html>.

Campello, T., Gentili, P., Rodrigues, M., & Hoewell, G. R. (2018). Faces da desigualdade no Brasil: um olhar sobre os que ficam para trás Facebook Twitter. *Saúde em Debate*, 42(3), 54-66. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v42nspe3/0103-1104-sdeb-42-spe03-0054.pdf>.

Delmazo, C., & Valente, J. C. L. (2018). Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Media & Jornalismo*, 18(32). Recuperado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/mj/v18n32/v18n32a12.pdf>.

Donati, P. (2008). *Família no século XXI*. Abordagem relacional. São Paulo: Paulinas.

Engelmann, F., & Petrini, G. (2016). Dádiva, tempo e sacrifício: espaços possibilitadores para a satisfação das exigências nas relações familiares. Em: Moreira, L. V. (Org.). *Relações familiares*. Curitiba: CRV.

Granger, G. G. (1982). Modèles qualitatifs, modèles quantitatifs dans la connaissance scientifique. In: Houle, G. (Org.). *Sociologie et Sociétés*, XIV(1):07-15. Recuperado de <https://www.erudit.org/en/journals/socsoc/1982-v14-n1-socsoc109/006768ar.pdf>.

Lewin, K. (1973). *Princípios de psicologia topológica*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Lewin, K. (1965). *Teoria de campo em ciência social*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Minayo, M. C. S. & Sanches, O. (1993). Quantitative and qualitative methods: opposition or complementarity. *Cadernos de Saúde Pública*, 9(3):239-262.

Newton, I. (2010). *Princípios matemáticos da filosofia natural – A lei da inércia*, 1687. Lisboa: Universidade de Lisboa. Recuperado de http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5363/2/ulfl109993_tm.pdf.

Pace, E., & Giordan, G. (2012). A religião como comunicação na era digital. *Civitas, Rev. Ciênc. Soc.*, 12(3). Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/civitas/v12n3/1984-7289-civitas-12-03-0418.pdf>.

Pereira, A. S., et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Recuperado de https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1.

Petrini, G., Alcântara, M. A. R., & Moreira, L. V. C. e colaboradores. (2012). Família, capital humano e pobreza: entre estratégias de sobrevivência e projetos de vida. *Memorandum*, 22, 165-186. Recuperado de <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/wp-content/uploads/2012/06/petrinialmorefodi01.pdf>.

Piaget, J. (2014). *Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança*. Rio de Janeiro: Wark.

Santos, N. C., & Abdala, G. A. (2014). Religiosidade e qualidade de vida relacionada à saúde dos idosos em um município na Bahia, Brasil. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 17(4). Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v17n4/1809-9823-rbgg-17-04-00795.pdf>.

Sen, A. (2000). *Desarrollo y libertad*. Mexico: Editorial Planeta. Recuperado de <http://www.ccee.edu.uy/ensenian/catgenyeco/Materiales/2011-12-07%20III2AmartyaSenCap8LaAgenciadelasMujeresyelCambioSocial.pdf>.

Strauss, A. (2016). Os padrões de sepultamento do sítio arqueológico Lapa do Santo (Holoceno Inicial, Brasil). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum.*, 11(1). Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v11n1/1981-8122-bgoeldi-11-1-0243.pdf>.

Xaudier, S., & Cardenal, A. S. (2020). Ibuprofen narratives in five european countries during the COVID-19 Pandemic. *The Harvard Kennedy School Misinformation*, 1(1), Special Issue on COVID-19 and Misinformation. Recuperado de https://misinforeview.hks.harvard.edu/wp-content/uploads/2020/07/FORMATTED_ibuprofeno_July6_20_FINAL.pdf.

Xavier, F., Olenski, J. R. W., Acosta, A. L., Sallum, M. A. M., & Saraiva, A. M. (2020). Análise de redes sociais como estratégia de apoio à vigilância em saúde durante a Covid-19. *Estudos Avançados*, 34(99), 261-282. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/ea/v34n99/1806-9592-ea-34-99-261.pdf>.

Yin, R. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Artmed.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Elmar Silva de Abreu – 50 %

Elaine Pedreira Rabinovich – 50 %